

RELAÇÕES INTELECTUAIS ENTRE BRASIL E PORTUGAL — UM DOCUMENTO ROMÂNTICO.

ANTÔNIO SOARES AMORA

Ex-titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

É certo que no Romantismo, largo e profundo movimento de idéias e de ações, levado avante pelos brasileiros, no sentido de definir sua autonomia política e cultural em face de Portugal, teve de padecer de aderências de sentimentos deformadores da realidade dos dois países e da natureza, peculiaríssima, de sua unidade rática e de suas íntimas e trisseculares relações. É certo, também, que a determinada corrente de opinião pública portuguesa, a autonomia política do Brasil pareceu, nos primeiros decênios, ato de violenta rebeldia, espoliador do império de uma coroa, e por isso mesmo ato que exigia correção, quando não política e militar, pelo menos de severo julgamento. Crescente movimento nacionalista e jacobino da parte dos brasileiros; reação inconformada e contundente de setores da opinião pública portuguesa contra a rebeldia aventureira do novo império — são fatos incontestáveis.

Daqui, entretanto, deduzir que semelhantes conflitos morais contaminaram os setores intelectuais e literários mais significativos dos dois países é concluir, de uma verdade, um erro. No Brasil e em Portugal, desde os primeiros, mais afirmativos e influentes pronunciamentos românticos (que são dos meados de 1820), até o fim do Romantismo (na altura de 1870), mais íntimas, nem mais compreensíveis poderiam ter sido as relações literárias entre os dois povos: relações postas não apenas em termos de convívio e de amizades pessoais, como ainda no plano de francas e naturais influências recíprocas. Provas dessas relações? Parecem-me escusadas, pois sabem-nas, em boa conta, até mesmo estudantes com elementares conhecimentos das duas literaturas. E já agora, nada mais haveria para dizer, nestas considerações, não fosse o empenho de divulgar, dessas provas, uma que creio, senão completamente desconhecida, pelo menos há mais de século esquecida. Refiro-me a três artigos acerca do Brasil, publicados n' *O Panorama*, em 1837 e em 1838.

O Panorama — Jornal Literário e Instrutivo, da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, publicou-se semanalmente, de maio de 1837 a dezembro de 1858. Entregue à responsabilidade redatorial de Alexandre Herculano, então escritor recém-aparecido, com as messiânicas páginas d'*A Voz do Profeta*, teve por alguns anos substancial colaboração diretiva e redatorial do jovem escritor, ao fim da vida consagrado, com toda a justiça, como um dos mais altos valores de toda a história da vida mental portuguesa. E das várias publicações periódicas portuguesas da época, nenhuma, como *O Panorama*, dá tão exata medida da mentalidade, dos intentos e das ações intelectuais que realizaram, em Portugal, a revolução romântica. N'*O Panorama*, cujo principal objetivo (bem típico do espírito demófilo do Romantismo) foi a propagação de conhecimentos úteis em amplo círculo de “inteligências comuns”, a par da literatura de entretenimento, quase sempre no gênero de relatos e contos de fundo histórico (assim nasceram as *Lendas e Narrativas*, de Herculano), abundante colaboração destinada à vulgarização de noções práticas de toda ordem, particularmente noções a respeito da geografia, a respeito da história, dos costumes e do caráter dos povos antigos e modernos, construtores de significativas civilizações ou caracterizados por pitorescos exotismos. Na linha dessa colaboração, que creio em grande parte escrita por Herculano e Cunha Rivara, saíram os referidos artigos acerca do Brasil: *O Brasil* (Vol. I, p. 279); *Brasil: Situação. Extensão. Meios de prosperidade. Clima* (Vol. II, p. 36-37); *Brasil: População. Carater, usos e costumes dos habitantes. Produtos* (Vol. II, p. 82-83).

As intenções dessas notas de divulgação acerca da realidade brasileira (num meio em que os citados prejuízos políticos e a consabida e natural ignorância do mundo americano operavam grosseira distorção da verdadeira imagem das coisas), os fatos em que atenta o articulista, e o espírito com que se julgam esses fatos — é tudo matéria de muito interesse para a compreensão da verdade a respeito das relações entre o Brasil e Portugal, durante a época do Romantismo e no plano da vida literária.

Poucas palavras são suficientes para caracterizar essas intenções, para arrolar esses fatos e para definir esse espírito. As intenções estão claramente expostas no artigo introdutório: fazer compreender, em Portugal, das razões, mais do que suficientes, por que fizera, o Brasil, sua independência; e nessa ordem de idéias fazer com que os portugueses sentissem que a autonomia política do novo império não rompia laços indissolúveis de “vantajosa” fraternidade; e que era necessário tirar do espírito um “erro miserável”: supor que a “civilização, as artes, e os cômodos da vida, são apanágio só dos europeus” e que o Brasil era “país ainda inculto e bárbaro”.

Os fatos observados pelo articulista são todos de molde a convencer da importância e do interesse da realidade material e cultural brasileira:

“O Brasil — está no mesmo artigo introdutório — é uma terra de esperanças. As produções quase espontâneas do seu extensíssimo solo, regado por tantos rios caudais, que facilitam o trato do comércio, o tornam independente dos outros povos, ao passo que estes dele carecem para muitos objetos que se têm convertido em necessidades da vida. À sombra de boas leis e se alcançar a tranquilidade interior, aquele império crescerá cada vez mais em navegação e indústria; assim o horizonte do seu futuro brilhante não é fácil de compreender. Verdade é que ainda hoje está em muitas coisas atrasado; mas as fontes da sua prosperidade tem-nas em si mesmo, e só precisa de ser administrado com juízo para aumentar sua grandeza, ao passo que as velhas nações da Europa, sobrecarregadas em grande parte de população, contidas em limites estritos, precisam de mil cálculos e combinações econômicas e políticas para prosperarem e talvez muitas delas para não decaírem”...

“Situado na parte mais oriental da América — continua o autor, no segundo artigo — este império extensíssimo jaz, por assim dizer, no meio do mundo. Nenhum país, talvez, pela sua posição geográfica, pela excelência do seu clima, pela abundância dos seus produtos e pela facilidade das suas comunicações internas é mais apto para chegar ao sumo grau da prosperidade, como dissemos. A natureza o favoreceu com todos os dons”.

... “Composto de tantas raças distintas — escreve nas últimas considerações o anônimo redator — habituado, segundo a situação das províncias, a gêneros de vida tão diversos, o povo brasileiro não é daqueles cujo caráter se possa descrever exatamente em breves palavras. Contudo, talvez não fosse arrojada opinião compara-lo aos franceses, ou antes chamar aos brasileiros os franceses da América. Se entre eles se considerarem individualmente os homens das raças diferentes, e até opostas, de que a nação é formada, dificultoso empenho será fazer uma idéia apurada do caráter nacional, cujos principais toques são a vivacidade e a agudeza juntas a certa leveza, que nem sempre a reflexão alcança moderar. Têm comumente os brasileiros notável aptidão para o estudo das ciências e das boas letras, e é de esperar que de futuro venham por esta parte a servir de modelo ao resto do Novo Mundo”.

... “Diremos enfim, que, em suma, a nação brasileira tem já em si todos os recursos morais e intellectuais necessários para vir a ser uma nação que figure no Universo”.

Mais do que nas entrelinhas, pois que nas próprias linhas, da observação e dos comentários destes e de outros fatos, está evidente o espírito com que a mais autorizada e expressiva publicação periódica do Romantismo português compreendia e julgava o Brasil: país em alguns pontos ainda atrasado; necessitado, por todas as razões, de ser administrado com juízo, mas, incontestavelmente, nação privilegiada de condições naturais, econômicas e humanas, que lhe garantiam futuro não menos privilegiado de possibilidades de desenvolvimento e de civilização.

Não creio se pudesse, em Portugal, e ainda a tão poucos anos da independência, julgar o Brasil com mais honesta obetividade e mais entusiasmo. E esse espírito ou sentimento da realidade brasileira foi dominante linha de comportamento do melhor da intellectualidade portuguesa dos anos do Romantismo. Em termos mais altos não poderiam ter sido postas as nossas relações com Portugal, na hora mais delicada da unidade dos dois países.

À luz dessas relações, entre as expressões mais significativas da intelligência dos dois países, devem ser vistas, pela crítica comparista, as duas literaturas de língua portuguesa, na época do Romantismo. O mais, a escumalha de ressentimentos e de jacobinismos de um e outro lado, é de inexpressiva significação, a não ser para o estrabismo crítico. De uma e outra coisa não vale, entretanto, a pena ocupar-nos: estraga o espírito e borra a obra que há mais de século vai levantando o melhor da investigação e da crítica brasileira e portuguesa.

Para os que não têm facilidade de consultar *O Panorama*, hoje uma raridade bibliográfica, sobretudo no Brasil, transcrevo o mais importante dos referidos artigos, no caso o primeiro, que é de idéias gerais, enquanto os demais são de informações.

*

O BRASIL.

“Ainda que hoje este vasto império, separado de Portugal, forme por si uma nação independente por todos os títulos, não deixam contudo os brasileiros de ser irmãos dos portugueses. Porque uma grande família não pode viver reunida, segue-se por ventura daí que os membros, de que ela se compunha, sejam entre

si estranhos? Se um filho, chegando a virilidade, saiu de sob a tutela materna, deverá sua mãe amaldiçoa-lo por isso? Neste caso está o Brasil: a sua idade viril tinha chegado. Mais rico do que Portugal; com uma civilização sempre progressiva; produzindo gênios e homens extraordinários, era absurdo, ou antes, impossível que os seus habitantes deixassem de conhecer que Portugal não tinha jus a trata-los como colonos. A consciência desta verdade causou a revolução do Brasil, e esta revolução era justa. Nós tentamos a sorte das armas, porque o orgulho nacional fora ofendido; mas a sorte das armas nos foi contrária, e a independência do Brasil foi reconhecida. Esses acontecimentos pertencem já à história; os ódios recíprocos estão extintos; e os dois povos, ligados por laços de sangue, falando a mesma língua, seguindo a mesma fé, habituados a usos e costumes mui semelhantes, nada mais devem ser do que aliados fieis, e amigos sinceros. A razão, a política e até a religião aconselham estes sentimentos a ambas as nações.

Entretanto ainda o nosso povo não conhece isto inteiramente; ainda não percebe até que ponto a fraternidade com seus irmãos de além-mar lhe pode ser vantajosa. Afiguram muitas pessoas o Brasil como um país ainda inculto e bárbaro; crêem que a civilização, as artes e os cômodos da vida são apanágios dos europeus. Erro miserável é este, que cumpre derrubar pelo pé. Importa fazer saber ao povo a verdade e destruir preocupações vãs, que só servem de transviar o espírito público do que lhe pode ser proveitoso. Nós de nossa parte trabalharemos nisto com ânimo sincero de ser úteis aos nossos compatriotas; e das pessoas ilustradas do império brasileiro receberemos quaisquer notas ou retificações, que tiverem a bondade de nos comunicar, sobre o que escrevermos acerca do seu país.

O Brasil é uma terra de esperanças. As produções quase espontâneas do seu extensíssimo solo, regado por tantos rios caudais, que facilitam o trato do comércio, o tornam independente dos outros povos, ao passo que estes dele carecem para muitos objetos que se têm convertido em necessidades da vida. À sombra de boas leis e se alcançar a tranquilidade interior, aquele império crescerá cada vez mais em navegação e em indústria; assim o horizonte do seu futuro brilhante não é facil de compreender. Verdade é que ainda hoje está em muitas cousas atrasado; mas as fontes da sua prosperidade tem-nas em si mesmo, e só precisa de ser administrado com juizo para aumentar sua grandeza, ao passo que as velhas nações da Europa, sobrecarregadas

em grande parte de população, contidas em limites estreitos, precisam de mil cálculos e combinações econômicas e políticas para prosperarem e talvez muitas delas para não decaírem”.

*

Da leitura deste documento creio que o leitor tirará, muito naturalmente, ainda outra conclusão, e que é a seguinte: passados cento e cinquenta anos, dos artigos de *O Panorama* acerca do Brasil recém-saído da situação de colônia de Portugal, as opiniões dos intelectuais portugueses formuladas ultimamente acerca da antigas colônias africanas de Portugal, que acabam de se tornar independentes, são bem semelhantes. E isto prova que, desde o século XIX, senão mesmo desde o século XVIII, os regimes colonialistas não resistiram à análise crítica e aos ideais políticos dos intelectuais.

* *

*

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMORA. Nasceu nesta Capital, onde cursou o Colégio Universitário da Faculdade de Direito. Licenciado em Letras Clássicas e Portuguesas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, chegou a Professor catedrático da disciplina de Literatura Portuguesa até solicitar sua aposentadoria em 1972. Além e concomitantemente com as funções docentes, fundou e dirigiu o Instituto de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, instituto isolado do ensino superior do Estado de São Paulo. Como serviço à comunidade destaque-se a organização da Divisão de Ensino da Fundação Padre Anchieta — Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, que dirigiu no período de 1968-1972. No momento é o responsável pelo projeto do Setor de Tecnologia da Educação da Abril S/A — Cultural e Industrial (desde 1972).

De sua estupenda florada de publicações, destacar-se-á *Teoria da Literatura*, obra pioneira no gênero, pois já está com sua 10ª edição exgotada. Seguindo-se-lhe a *História da Literatura Brasileira (séculos XVI-XX)* já na 9ª edição. Com a tese *El-Rei D. Duarte e o “Leal Conselheiro”*, obteve o Prêmio Larragoiti, da Academia Brasileira de Letras, em 1949.

Sabe-se que sua tese de doutoramento, publicada em 1946, versou sobre *O Nobiliário do Conde D. Pedro*. Sua concepção da

História e sua técnica narrativa merece um outro destaque: *Clasicismo e Romantismo no Brasil* (São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1966). Ainda, *Introdução à Teoria da Literatura*, que também já está na sua 2ª edição (1972). Do Prof. Amora, os colegas, os alunos, os afilhados somente tem uma queixa, uma mágoa, haver solicitado aposentadoria ainda tão cedo. Por que? (*Nota de Maria Regina*).